

O ano da biotecnologia em Portugal

O sector do capital de risco em Portugal parece ter acordado definitivamente para a biotecnologia, já que se registaram este ano várias operações de financiamento de projectos inovadores. Razão mais do que suficiente para ser tema em destaque no 7º Encontro Gesventure, o ponto de encontro tradicional entre capitalistas de risco e empreendedores. E quando boas ideias se juntam ao capital, resta ter paciência para esperar pelos resultados

POR [CRISTINA PEREIRA](#)

Dois mil e cinco será provavelmente recordado como um ano de referência para o sector da biotecnologia em Portugal. Pelo menos é o que se depreende das declarações dos representantes de quatro empresas do sector no 7º Encontro Gesventure, realizado no dia 9 de Novembro no Pólo Tecnológico de Lisboa. Três delas – Alfama, Biotrend e BioAlvo – concluíram este ano a sua primeira ronda de investimentos, uma das quais protagonizando o investimento mais avultado de sempre de uma sociedade de capital de risco numa empresa de biotecnologia (Alfama). A Biotecnol, essa, já concluiu a sua terceira ronda e é a referência, por excelência, do sector da biotecnologia em Portugal.

Luís Amado, COO da Biotecnol, acredita que 2005 “foi um excelente ano para a biotecnologia. Mas temos de tentar que avance melhor”. Nuno Arantes e Oliveira, CEO da Alfama, mostrou-se ambicioso nas suas declarações ao PortalExecutivo, considerando que 2005 “está a ser um excelente ano para a Alfama, mas não está a ser tão bom como o próximo”. A BioTrend, que passou por “uma autêntica revolução nos últimos 12 meses”, nas palavras do seu CEO, Bruno Sommer, conseguiu, graças à conclusão da sua primeira ronda de investimentos, “apetrechar a empresa não só de meios humanos como de meios materiais que permitem acelerar bastante o tempo de desenvolvimento dos processos”.

Mercado embrionário, mas com potencial

Chamar ao sector da biotecnologia em Portugal um “mercado” será ainda, porventura, algo prematuro. “Mercado propriamente dito não há”, declarou ao PortalExecutivo Nuno Arantes e Oliveira. O que há, em sua opinião, é “uma mão-cheia de empresas com muita motivação, muita vontade, com pessoas de valor e algumas delas com boas ideias”. Já o sucesso comercial dependerá dos próprios protagonistas, mas também “das condições que houver no País a nível de investimento”. Mas só quando estas empresas colocarem produtos no mercado é que haverá “uma oportunidade de biotecnologia e um mercado de biotecnologia português. Agora o que existe é um embrião”, defendeu o responsável da Alfama.

Opinião semelhante tem Bruno Sommer, da BioTrend. “Temos um número crescente de empresas a actuar”, mas ainda não há “empresas com fôlego para se auto-sustentarem”, referiu ao PortalExecutivo, à margem das intervenções no 7º Encontro Gesventure. Mostra-se, no entanto, confiante: “Estamos no bom caminho”. Não deixou de destacar a mais-valia representada pelo capital intelectual, sublinhando que, nos últimos anos, 20 por cento dos doutoramentos e pós-doutoramentos concluídos em Portugal e no estrangeiro incidiram na área de biotecnologia e de ciências da vida. “Tudo o que esteja ligado ao negócio da biotecnologia tem como génese as pessoas e o conhecimento na área”, declarou. E, nesta vertente, Portugal não tem de que se queixar.

Luís Amado, da Biotecnol, salientou na sua intervenção as principais características do mercado da biotecnologia como sendo: ciclos longos de investimento – um medicamento demora em média 10 anos a chegar ao mercado –, investimentos avultados (mas com um retorno apreciável), um sector muito sustentado pela indústria farmacêutica (10 por cento das vendas de medicamentos têm origem na biotecnologia) e que está em franco crescimento. Mas, alertou, “a biotecnologia não é só indústria farmacêutica”.

Biotecnologia não é só medicamentos

Para o provar lá estava a BioTrend, de Bruno Sommer, que afirmou na sua intervenção: “Rapidamente a biotecnologia descamba para a biofarmacêutica”. No entanto, ela “abrange uma área muito grande”. Como detalhou em declarações posteriores ao PortalExecutivo, este grande enfoque na área biofarmacêutica deve-se também “ao facto de que a maioria das pessoas em Portugal que tem formação avançada na área da biotecnologia tem feito os seus doutoramentos, tanto em Portugal como no estrangeiro, muito direccionados para a área da saúde e para a área farmacêutica”. E é, de facto, neste campo que há mais pessoas a fazerem os seus doutoramentos e a voltarem para Portugal com ideias. Os que optam pela área da engenharia, por exemplo, acabam por se estabelecer lá fora na sua maioria, afirmou o representante da BioTrend. Daí que haja pouca expressão desta área em Portugal. “Claro que a parte mais mediática e os produtos com mais valor

acrescentado são os de aplicação farmacêutica”, concedeu. Mas “volto a insistir que a biotecnologia é muito mais do que farmacêutica”, sustentou. Aliás, desmistificou, “a biotecnologia está presente em todos os detergentes que usamos para lavar a roupa, por exemplo”. Os famosos “glutões”, explicou, “não são nada mais do que moléculas que são produzidas por via biotecnológica”.

Mas há razões de peso para que a maioria das empresas siga a via biofarmacêutica. Como explicou Nuno Arantes e Oliveira ao PortalExecutivo, “as questões éticas que se podem pôr a algumas aplicações da biotecnologia, a nível alimentar ou agrícola, por exemplo, não se põem a nível médico. Se o medicamento vai curar a doença, as questões éticas passam para segundo plano, ou não existem”. Outra razão prende-se com o facto da biotecnologia ser um sector de capital muito intensivo, em que “os investimentos são muito grandes e os ciclos são muito longos”. Daí que faça sentido “que o maior retorno económico se dê em aplicações de alto valor acrescentado”, declarou. E, por excelência, sublinhou, “um produto com alto valor acrescentado é o medicamento”, ao contrário de uma commodity ou de um alimento.

Inovação e oportunidade

Mas esta foi precisamente a área escolhida pela BioTrend, que desenvolve soluções para o mercado de produtos de grande consumo, designadamente no domínio alimentar. Na base do seu trabalho encontra-se o beta-caroteno, o pigmento que torna as cenouras cor-de-laranja, essencial para a saúde. A novidade é que o processo da Biotrend é produzido através de bactérias que ocorrem naturalmente na natureza. Trata-se de uma tecnologia que não apresenta desvantagens como as do processo sintético (menos atractivo por não ser natural) e do natural (que apresenta problemas de escala), reunindo as vantagens dos dois, precisamente por ser uma solução escalável, limpa e que apresenta consistência. A oportunidade de mercado é evidente: os consumidores preferem o beta-caroteno natural, mas a indústria depara-se com uma escassez de produção. Vale também a pena referir que a sua utilização está aprovada tanto nos Estados Unidos como na Europa.

Quanto à Alfama, desenvolve moléculas que libertam monóxido de carbono (CORM, na sigla inglesa) para o tratamento de doenças inflamatórias, entre outras. Como explicou Nuno Arantes e Oliveira na sua intervenção, basicamente estas moléculas “levam outra molécula para onde ela é necessária no organismo”. Um exemplo da sua aplicação é no tratamento da artrite reumatóide, que afecta mais de 160 milhões de pessoas em todo o mundo. É uma doença para a qual não existem boas soluções no mercado: ou “têm efeitos secundários graves ou não curam a doença”, explicou. A solução da Alfama tem um forte potencial para o tratamento desta doença e as moléculas já provaram funcionar em animais. O objectivo da empresa é agora o de chegar à fase de ensaios clínicos.

Já a BioAlvo cria programas de desenvolvimento de novos fármacos e terapias biológicas. Actua, especificamente, no campo da neurociência e das disfunções cerebrais, como explicou Helena Vieira, CEO da empresa, na sua apresentação. Conta neste momento com dois programas, o TTR Silencer, que visa criar uma terapia para as amiloidoses (como a doença de Alzheimer, a diabetes tipo II ou a doença dos “pezinhos”), e o BLOCKADE, que se destina ao tratamento de doenças como a malária cerebral, os tumores e o HIV.

A Biotecnol, a mais conhecida das quatro, actua na área dos “anticorpos humanos”, específicos para o receptor de um tumor, que desencadeiam uma cadeia de acontecimentos bioquímicos e/ou genéticos que, em regra, aniquilam o tumor.

BioAlvo: 1,4 milhões de euros de capital intelectual

Comum ao percurso de todas estas empresas, e, em geral, de todas as que desenvolvem actividade na área da biotecnologia em Portugal, é a dificuldade de conseguir financiamento na fase inicial do projecto. Um obstáculo, aliás, que afecta todos os projectos de empreendedorismo em Portugal. “A falta de investimentos nas primeiras fases de desenvolvimento leva a correr o risco de continuar a provocar, mecanicamente, uma falta de dossiers com maturidade suficiente para atrair no futuro o interesse dos designados investidores de Private Equity”, salientou Francisco Banha, responsável pela organização do Encontro, na sua intervenção. Para minorar esta dificuldade, o “evangelizador” da indústria do capital de risco em Portugal considera que é preciso haver “não só recursos financeiros mas também uma revolução nas atitudes e comportamentos por parte dos responsáveis das SCR que os induza a apostar nos projectos com base nos factores invisíveis e críticos da inovação, como, por exemplo, o capital humano”.

Foi precisamente o que sucedeu no caso da BioAlvo, que viu, no final do mês passado, o seu capital intelectual valorizado em 1,4 milhões de euros. A empresa começou por ser uma ideia que ganhou vários concursos, gozando de grande destaque nos media e de exposição em várias feiras especializadas. No entanto, o

investimento necessário para a transformar numa empresa, avaliado em 1,3 mil milhões de euros por Helena Vieira e os seus associados, era bastante avultado para uma start-up. O que só agora foi conseguido, com a entrada da PME Investimentos na sua primeira ronda de financiamento (iniciada em Março último). A contabilização e inclusão do capital intelectual dos promotores no contrato é uma das características inovadoras do acordo efectuado com o investidor. O conhecimento foi “contabilizado” através do método “Real Options Valuation” e os 1,4 milhões de euros assim calculados – capital intangível – correspondem a uma quota de 52 por cento do capital social detido pelos promotores.

Também a Alfama encontrou uma solução pouco tradicional para contornar os seus problemas de financiamento. O projecto foi lançado em Novembro de 2002 e angariou 3,7 milhões de euros até ao momento. Os contactos iniciais que a empresa fez junto dos investidores, na sua maioria estrangeiros, mostraram que havia vontade de investir, mas só numa fase de desenvolvimento mais madura. O grande problema mesmo, como explicou Nuno Arantes e Oliveira na sua apresentação, era o facto da empresa se localizar em Portugal. Se o sector da biotecnologia já envolve risco, o facto da empresa ser portuguesa só o aumenta, avançou o responsável da Alfama. Até porque “não há exemplos de sucesso internacional da biotecnologia portuguesa”, acrescentou.

A forma da empresa solucionar o problema foi através da criação de uma empresa norte-americana, a Alfama, Inc., que detém a 100 por cento a Alfama, Lda. A Alfama norte-americana recebe os investimentos e organiza as finanças do grupo, ao passo que a Alfama portuguesa efectua a produção. Para Nuno Arantes e Oliveira, não havia outra alternativa porque esta é uma empresa “que vai precisar de financiamento em grande escala, o que está fora das possibilidades dos investidores portugueses”, defendeu. A saída para os investidores, informou, “será tipicamente uma IPO”, sendo o objectivo a Bolsa de Nova Iorque. No final do terceiro ano, a Alfama conta levar a cabo a sua segunda ronda de investimento, cifrando-se o objectivo na ordem das dezenas de milhões de euros. A empresa teve a sua primeira patente concedida em Junho deste ano e está a submeter pedidos de patente em 35 países.

Que venha 2006

Também a BioTrend enfrentou obstáculos para conseguir transformar uma ideia numa empresa. De início, tratava-se de um grupo de investigadores “com ideias, mas sem a ideia estruturada de potencial reconhecido”, explicou Bruno Sommer na sua intervenção. Em 2000, desenvolveram um processo na área dos lacticínios para uma empresa nacional (Ecosoros) de cuja investigação resultou uma patente. Laboratório próprio não passava de uma miragem: a equipa utilizava os equipamentos do Centro de Engenharia Biológica e Química (CEBQ) do IST quando aqueles se encontravam livres, o que obrigava à realização do trabalho por turnos. Recursos humanos adicionais obtinham-nos sob a forma de estagiários. Não era exactamente um modo de trabalhar eficiente, quando a Biotrend sentia a necessidade de contratar pessoas e de comprar equipamentos. Numa palavra: dinheiro. O projecto foi submetido à Agência de Inovação (ADI) que “levou seis meses a analisar o projecto”, o qual acabou por não seguir em frente. A abordagem às agências promotoras de investigação também não funcionou. A opção de tentar o capital de risco surgiu precisamente há um ano, graças ao espaço “Elevator Pitch” proporcionado pelos encontros da Gesventure.

Hoje, depois do financiamento conseguido junto da PME Investimentos, tudo mudou. A Biotrend conta com valências de gestão, uma das lacunas da equipa exclusivamente formada por investigadores, acesso privilegiado a contactos, processos internos estandardizados, relações formalizadas com instituições universitárias, pessoal contratado e equipamento de topo. Na verdade, como salientou Bruno Sommer, a empresa opera “num dos laboratórios mais equipados em Portugal na área dos bioprocessos”. O objectivo da empresa é, agora, trabalhar nos próximos dois anos para “transformar aquilo que nós tínhamos à escala laboratorial num processo de implementação industrial com viabilidade não só técnica mas também económica”.

Nas suas declarações ao PortalExecutivo, Bruno Sommer considerou positivo o facto de actualmente se verificar já uma desmistificação no mercado a propósito da biotecnologia e mais informação disponibilizada “às pessoas que têm capacidade de decisão sobre a aplicação do financiamento”. Antes a biotecnologia era considerada pelos investidores como “uma área muito interessante, mas que não pegava de todo”, afirmou. Por um lado, “há uma certa moda de que é bonito investir em biotecnologia”, o que pode dar origem a “alguns investimentos em projectos que não sejam muito consistentes”. No entanto, Bruno Sommer é da opinião que vai ocorrer uma maturação do mercado e que, mesmo dentro desta moda, “os projectos de um modo geral estão a ser criteriosamente escolhidos e têm um potencial de sucesso considerável”.

A Biotecnol, finalmente, também arrancou sem espaço de laboratório. Entre 1997 e 1999, a empresa contou com um financiamento exclusivamente assegurado pelos chamados três "F": "family, friends, and fools". De imediato, os responsáveis do projecto se aperceberam de que os seus clientes estariam fora de Portugal, salientou Luís Amado. Em 2000 e 2001, deu-se a primeira entrada de uma sociedade de capital de risco (Banco Mello Investimentos) e a empresa pôde alugar um laboratório próprio e adquirir a primeira patente. De 2002 a 2003 decorreu a segunda ronda de financiamento, com a entrada da Pharmis Biofarmacêutica e da Taguspark. Entre o ano passado e 2005, a empresa ganhou o estatuto NEST e decorreu a terceira ronda de financiamento, com a entrada da PME Investimentos, a Iberfar e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. A Biotecnol conseguiu também, entretanto, o seu primeiro contrato com uma empresa nos EUA.

Este ano terá sido, provavelmente, o melhor para o sector da biotecnologia em Portugal. Resta esperar que as convicções dos responsáveis dos sectores se concretizem e que 2006 seja melhor ainda.